

■ DORA KRAMER

A mão que fere, afaga

A data exata ainda não está marcada, mas, em breve, o presidente Fernando Henrique Cardoso protagonizará a cena da mão estendida para os governadores queixosos do PSDB. Fará finalmente uma reunião com todos eles, aquela mesma que chegou a ser pensada para acontecer no domingo seguinte à desistência de Mário Covas de disputar a reeleição, mas foi adiada por causa do risco grande de o encontro virar guerra.

O presidente chegou à conclusão de que é preciso fazer uma recomposição geral, não porque avalie que dependa deles para ganhar as eleições nos estados que comandam – ao contrário, quanto a isso, a análise é bem menos generosa –, mas muito mais porque considera prudente preservar o equilíbrio ecológico na seara tucana.

Além disso, o gesto amplo contém a intenção específica de começar a criar condições para que o governador de São Paulo, Mário Covas, reveja sua decisão. No Palácio do Planalto já reina a desconfiança de que o grupo do ex-prefeito Paulo Maluf vá iniciar uma série de movimentos pesados para levar Covas a ficar onde está e não concorrer.

E, pelas conversas que se ouviam no aniversário do presidente da Câmara, Michel Temer, segunda-feira em São Paulo, essa suspeita guarda absoluta relação com a realidade. Mostra-se muito bem informado o alto tucanato quando desconfia de que os malufistas não deixarão Covas em paz. Até porque avaliam que ele saiu de cena justamente para isso, escapulir do tiroteio.

Certa ou errada, essa avaliação levou o grupo de Maluf – e o PFL paulista de linha auxiliar – a combinar que a partir de agora pipocarão aqui e ali provocações públicas no sentido de levar o eleitorado paulista a concluir que Mário Covas blefou quando anunciou a desistência. Isso se faz espalhando “informações seguras” de que o governador voltará atrás, produzindo declarações enfáticas a respeito.

Querem, com isso, fazer com que Covas os desminta na prática, que mostre ao eleitor que essas insinuações não passam de calúnias absurdas e que o tempo dirá quem fala a verdade. E, aí, aguardam para esperar que o tempo conte justamente a história que mais lhes interessa: que Covas mantenha a decisão e deixe para Maluf um governo cujos números comprovam inequívoca recuperação.

Pois aí é que entra Fernando Henrique jogando em duas frentes: acalenta Covas – cuja candidatura para presidente em 2002 passa a ser tratada no mesmo patamar da hipótese Tasso Jereissati – e ainda procura resolver os problemas de relacionamento com os outros governadores. Dirá que não abre mão de sua posição de guardião do Real, mas que está disposto a ouvir e, na medida do possível, amenizar as aflições de cada um.

O resultado dessa conversa mostrará a quantas anda o poder de convencimento do presidente da República.